

REPRESENTAÇÕES DA PERSONAGEM LÉSBICA EM CONTOS DE NATÁLIA BORGES POLESSO

*ET 01 – A arte e suas Manifestações: Navegando entre as Diferença(s),
Corpo(s), Gênero(s) e Sexualidade(s)*

Natália Santos de Oliveira ¹

RESUMO

Este trabalho analisa a representatividade da mulher lésbica nos contos “Flor, flores, ferro retorcido” e “Minha prima está na cidade” em *Amora* de Natália Borges Polesso (2015). Esse livro apresenta um conjunto de contos que traz uma heterogeneidade narrativa, tratando não só da relação homossexual de mulheres, mas também de uma diversidade de contextos e vivências. Assim, algumas das questões contidas nessa representatividade ganharão destaque, como o armário, o preconceito e a resistência. Para a análise da representatividade e subjetividade das personagens, os estudos de Eve Sedgwick (2007), de Adrienne Rich (2012), serão fundamentais para essa compreensão, além da perspectiva de Michel Foucault (1981) sobre a amizade como um modo de vida da homoafetividade.

Palavras-chave: Natalia Polesso; literatura lésbica; armário; preconceito e resistência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretendeu analisar as representações da mulher lésbica em uma seleção de contos do livro *Amora*, da autora Natália Borges Polesso (2015). O livro da autora apresenta um conjunto de contos que traz uma heterogeneidade narrativa, tratando não só da relação homossexual entre mulheres, mas também de uma diversidade de contextos e vivências. Assim, algumas das questões contidas nessa representação ganharão destaque, como o armário, o preconceito e a resistência. O objeto do trabalho, então, foi perceber a manifestação

¹ Mestranda do Curso de Letras da Universidade Federal de Goiás – UFG, natallia.santos15@gmail.com;

dessas subjetividades das personagens em um *corpus* delimitado, pois pretende-se estudar os contos “Flor, flores, ferro retorcido” e “Minha prima está na cidade”.

. No primeiro conto propõe-se uma discussão acerca do preconceito social quando pensamos a heteronormatividade enquanto compulsória, segundo os estudos de Adrienne Rich (2010). No segundo, a análise se centrará na configuração da relação das duas personagens lésbicas que vivem juntas e questão do armário como um modo de vida, a partir das ideias de Foucault (1981).

Diante disso, a pesquisa foi relevante por se debruçar acerca de um tema contemporâneo, com espaço de fala e existência para personagens lésbicas, tendo em vista a limitação dessa perspectiva heterogênea em nossa literatura. A compreensão, percepção e análise sistemática dessas existências, nesse sentido, subvertem uma lógica canônica literária que privilegia representações e conflitos heteronormativos. De acordo com Roberto Reis (1982), em seu texto intitulado “Cânon”, é possível apreender como a cultura adquire ordem e naturalidade por meio da linguagem. Assim, esta consegue travar os espaços e os mecanismos de poder dentro da ordem do discurso. Nesse sentido, a literatura segue o sentido dessa materialidade discursiva a partir de um cânon, isto é, um conjunto de obras perenes e consideradas clássicas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia utilizada se valeu de um processo analítico de teorias sobre gênero de modo relacionado à manifestação literária e artística do *corpus* selecionado. Desse modo, a fim de emergir os aspectos de resistência, homofobia e armário presentes na subjetividade das personagens dos contos “Flor, flores, ferro retorcido”; “Minha prima está na cidade” e “As tias”, a heteronormatividade enquanto compulsória, segundo os estudos de Adrienne Rich (2010) e a questão do armário, a partir de Eve Sedgwich (2007) e de Foucault (1981), contribuíram para a elaboração dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1- A homofobia em “Flor, flores, ferro retorcido”

...almoçávamos juntos nos fins de semana. Meu irmão e eu brincávamos com a menina deles. Acho que ela tinha a idade do meu irmão, mas está tudo impreciso. O fato é que se enraizou na minha memória desses almoços foi um dia em que ouvi a seguinte frase: como pode uma machorra daquelas? E eu, curiosa que era, rapidamente perguntei o que era uma machorra. Silêncio completo, minha mãe começou a rir de um jeito esquisito, era embaraço. (POLESSO, 2015, p.57-58)

Em resposta, sua mãe afirma que ela se confundiu. “Cachorra” era que tinha sido dito. No decorrer da conversa, todavia, ela compreendeu que os adultos se referiam à vizinha da oficina ao lado. Passado este encontro, a narradora sofre um acidente ao espiar a vizinha por cima do muro. Quando ela cai, a vizinha logo lhe presta socorro e a mãe aparece rapidamente para evitar esse contato. Ainda próximas à vizinha, a menina pergunta à mãe o motivo da vizinha ser *machorra* e é repreendida por isso. Embora o uso da palavra seja deliberado em um almoço, é um adjetivo pejorativo, que, nas palavras de Polesso (2020) em “Sobre literatura e ocupação de espaços”, “é a vaca inútil, pois não produz leite nem reproduz prole” (POLESSO, 2020, p.6). Além do significado da palavra, mais pejorativa ainda é a implicação social disso, tendo em vista a carga preconceituosa que remete à sexualidade lésbica como um desvio. Por isso, é ofensivo, mesmo que seja usado longe da pessoa referida.

Dessa forma, é oportuno refletirmos acerca da existência lésbica e os possíveis motivos de seu estranhamento. Para Adrienne Rich:

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. (2010, p.36).

Assim, conforme cita a estudiosa, essa existência rejeita uma ordem institucionalizada de poder estabelecida. Ao existir enquanto lésbica, Flor desestabiliza uma crença natural de nossa sociedade ocidental, a de que a heterossexualidade é algo inerente ao sexo feminino.

Nesse sentido, ainda insatisfeita com a resposta da mãe, a menina torna a perguntar o significado da palavra machorra:

É uma doença, minha filha. A vizinha é doente. Voltei para o quarto quase satisfeita. Se era doença, por que não tinham me dito logo? Fiquei pensando se era contagioso, mas concluí que não era, porque a mecânica estava sempre cheia. Voltei para a cozinha. Doença de que, mãe? Minha mãe mais uma vez

colocou a mão no rosto e respirou fundo. De ferro retorcido que tem naquele galpão.” (POLESSO, 2015, p. 59).

Interessante observarmos, até o momento, como o preconceito é uma questão representativa da manifestação da subjetividade lésbica, por estampar, neste conto, uma situação de violência simbólica e discriminatória. Assim, em um primeiro momento, a palavra é empregada para repudiar a mulher homossexual devido a seu estereótipo semelhante ao que é permitido aos homens: alpargatas no pé, chapéu na cabeça e o trabalho na mecânica como ofício. Em um segundo momento, o adjetivo passa a ser uma patologia da qual a mãe deseja que a filha não se contagie, quando lhe recomenda ou evita o contato com a vizinha.

A partir de um olhar ainda livre da disciplinarização do sexo e do corpo como binários, – neste momento, vale a reflexão da heterossexualidade como compulsória – achando que a vizinha, na verdade, sofria de tétano – por conta do ferro retorcido – levou-lhe flores e um bilhete desejando-lhe melhoras. Como as flores estavam em um copo, a vizinha o devolveu à sua mãe. Ao chegar da escola, a menina é questionada sobre o fato pela mãe. A pequena se explica, dizendo que é necessário ter cuidado com pessoas doentes. A mãe se comove com a sensibilidade e inocência da filha, todavia reafirma a necessidade de a filha brincar longe da oficina da vizinha. Posto isso, conquanto a filha manifeste gentileza em seu ato preocupado com a saúde da vizinha, a advertência relacionada ao afastamento e consequente marginalização de Flor prevalece.

Retomando Rich (2010), a ideia de compulsoriedade heterossexual imposta pelos padrões sociais é habilidosa em entulhar o imaginário social de arquétipos sexuais fixos, que imediatamente se correlacionam com a binaridade exigida pelo ideal de papéis sociais. São resultantes desse processo uma mentalidade oclusa acerca da homogeneidade existente no tocante à orientação/inclinação sexual, os episódios de homofobia e a decorrente marginalização de pessoas que não se encaixam nesses moldes. A figura da Flor, então, simboliza esse aspecto da sociedade e colabora com a emergência da representação lésbica na literatura.

2- O dispositivo do armário em “Minha prima está na cidade”

Neste conto, há uma narradora-personagem lésbica que mora com sua parceira, Bruna, no apartamento novo delas. Aproveitando-se da ausência da parceira devido a

uma viagem a trabalho, a protagonista convida algumas colegas do novo trabalho para uma noite em sua casa. O conflito se apresenta quando elas chegam ao apartamento, tendo em vista que Bruna voltou de viagem mais cedo que o previsto. Assim, o clima de constrangimento por parte da narradora fica evidente: ela, ainda no armário, não consegue reagir a essa situação e fica nervosa por achar que deve explicações às amigas sobre quem é Bruna.

É expressivo, nesse sentido, perceber como ela, ao contrário da parceira, guarda-se no armário e como essa redoma dificulta a livre expressão e consciência de sua relação conjugal, mesmo que ela viva em um contexto acolhedor e cheio de cumplicidade, como se percebe na citação abaixo:

...assim comecei a entender o que era uma família, com louças acumuladas e montes de cabelos que se perdiam pelo chão, cabelos pretos e compridos, porque eu e a Bruna temos cabelos pretos e compridos. Minha família estava ali, com louça, gripes, montes de cabelos, cheiro de comida caseira, café na cama e banhos quentes, com brigas e pedidos de desculpas, carinhos, amores, cuidados, e era mesmo uma família, até quando ficávamos vendo televisão no de tarde... (POLESSO, 2015 p. 75-76).

De modo análogo a isso, Foucault (1981), em sua entrevista “Da amizade como modo de vida”, discute sobre como é difícil compreender os modos de se viver a homossexualidade, já que a instituição imposta não contempla essa vivência.

Esta é uma imagem comum da homossexualidade que perde toda a sua virtualidade inquietante por duas razões: ela responde a um cânone tranquilizador da beleza e anula o que pode vir a inquietar no afeto, carinho, amizade, fidelidade, coleguismo, companheirismo, aos quais uma sociedade um pouco destrutiva não pode ceder espaço sem temer que se formem alianças, que se tracem linhas de força imprevistas. Penso que é isto o que torna "perturbadora" a homossexualidade: o modo de vida homossexual muito mais que o ato sexual mesmo. (FOUCAULT, 1981)

Dessa maneira, embora a personagem se identifique com uma orientação homoerótica, ela encontra dificuldades em assumir que a relação vivida com Bruna configura uma família, pois, evidentemente, conviveu com aspirações heteronormativas ao longo de sua compreensão de mundo. Para se convencer do valor da construção amorosa, familiar com Bruna, ela precisou comparar sua estrutura com o lar em que vivia com os pais, de acordo com o trecho citado acima.

A partir disso, é compreensível o receio da personagem de sair do armário.

O estranhamento poderia e ocorrer sob duas formas: para ela, que, por estar inserida em um meio social no qual ela absorveu determinada ordem de poder; e para as pessoas no geral (representadas pelas amigas de trabalho), as quais poderiam reagir com naturalidade ou não a essa configuração. A negativa se daria pela mesma razão – o direto à convivência harmoniosa e amorosa, infelizmente, é restrito, no imaginário social, devido às ordens de poder pré-estabelecidas.

Para Foucault (1981), valer-se desse sistema da amizade como modo de vida é uma estratégia de sobrevivência em meio a estruturas homogêneas rígidas e excludentes. Desse modo, mesmo que ela não se sinta bem em mentir, essa parece ser uma alternativa mais confortável diante do perigo da rejeição instaurado pelas malhas de poder. Ao encontro dessa ideia, Eve Sedgwick (2007) retifica em “A epistemologia do armário”, quando diferencia as razões do termo “sair do armário” pertencer ao contexto dos homoafetivos e não a outros grupos, judeus, no caso:

À diferença dos gays, que raramente crescem em famílias gays; que estão expostos à alta homofobia ambiente de suas culturas, quando não à da cultura de seus pais, desde muito antes que eles mesmos ou aquele que cuidam deles descubram que eles estão entre aqueles que com maior urgência precisam definir-se contra; que têm que construir, com dificuldade e sempre tardiamente, a partir de fragmentos, uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência. (SEDGWICK, 2007 p. 40)

De modo relacionado, o armário da protagonista está representado nessas duas posições: na perturbadora ideia de demonstrar afeto por alguém do mesmo sexo e na falta de uma referência comunitária da existência lésbica. O segundo ponto também se relaciona com as ideias de Rich (2010) – leitora de Sedgwick – supracitadas quando pensamos na manutenção do armário de modo relacionado ao apagamento da tradição lésbica: é difícil viver uma experiência em que o seu histórico comunitário é tratado de forma oculta, secreta e, muitas vezes, propositalmente liquidado pelas convenientes e hipócritas noções de normalidade e marginalidade.

O armário da personagem, portanto, representa um aspecto marcante da vivência lésbica, uma vez que se manter nele é insistir em uma ambiguidade complexa. Pode ser reconfortante no sentido de se proteger do olhar preconceituoso da sociedade. Simultaneamente, é concordar em estar colocado no lugar da anormalidade imposto por princípios forçados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homofobia sofrida por Flor e o armário da namorada de Bruna nos apresentam uma pequena amostra do quanto a vivência é heterogênea e plural a partir do momento em que as barreiras da heteronormatividade são ultrapassadas. Além disso, percebe-se a necessidade política e literária de ler, conhecer, discutir e analisar a literatura contemporânea de acordo com as demandas que esse contexto histórico exige. Então, temáticas e autorias vistas como subversivas ou contraventoras, a partir do conceito de cânon já mencionado, precisam ganhar destaque cada vez mais, por ampliar a ocupação dos espaços de forma multicultural.

Por fim, a partir do aparato teórico oferecido por Sedgwick (2007), ao problematizar acerca do armário enquanto dispositivo de regulação; por Foucault (1981), ao nos mostrar o refúgio da amizade como modo de vida e o quanto a demonstração de afeto é problemática; por Rich (2010), ao teorizar acerca do continuum lésbico, evitando termos clínicos e tendências do senso comum e, depois, por Polesso (2020), ao mapear a necessidade de uma ocupação geopolítica de espaços, foi possível observar algumas facetas da representação lésbica na literatura brasileira contemporânea, dentre várias outras possíveis, inclusive nos demais contos de Polesso que compõem a coletânea *Amora*.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal **Gai Pied**, p. 38-39, no 25, abril de 1981.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

_____. Sobre literatura e ocupação de espaços. **estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 61, 2020.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.1-14.

RICH, Adrienne (2012). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, p. 17-44.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.